

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

RENATO DOS SANTOS ESPADEIRO

PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA (PNBE), AS HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS E O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO.

Rio de Janeiro

2016

RENATO DOS SANTOS ESPADEIRO

**PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA (PNBE), AS HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS E O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO**

Projeto Final II apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador (a): Robson Santos Costa

Rio de Janeiro

2016

Catálogo na Fonte

ES77p Espadeiro, Renato dos Santos

Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), as histórias em quadrinhos e o papel do bibliotecário. / Renato dos Santos Espadeiro – Rio de Janeiro, 2016.

47 f.: il.

Orientador: Robson Santos Costa

Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro

1. Histórias em quadrinhos. 2. Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). 3. Biblioteca Escolar. 4. Bibliotecário. I. Costa, Robson. II. Título.

CDU: 741.5

Ficha elaborada pelo autor.

RENATO DOS SANTOS ESPADEIRO

**PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA (PNBE), AS HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS E O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO**

Projeto Final II apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2016.

Professor Me. Robson Santos Costa – CBG-FACC-UFRJ
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professora. Dra. Ana Senna – CBG-FACC-UFRJ
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professora. Dra. Regina Maria Macedo Costa Dantas – CBG-FACC-UFRJ
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Aos meus pais, pelo apoio e amor incondicionais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Marli e ao meu pai Adilberto em primeiro lugar, por terem tornado possível que eu conquistasse esse objetivo.

Ao meu filho e amigo Gabriel por ser sempre uma fonte de força e inspiração em momentos difíceis.

À minha irmã Elaine e meus sobrinhos Gustavo e Alícia por tornarem a minha vida mais alegre.

Aos meus amigos de faculdade, em especial: Carol, Cláudio, Danielle, Eduardo, Luisa, Luiz, Núria e Rogério por tornarem essa caminhada mais agradável.

Aos meus professores que me tornaram um cidadão mais crítico e consciente.

Ao curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação que me proporcionou alcançar a querida profissão de bibliotecário.

À UFRJ por ter me dado à oportunidade dessa conquista tão importante na minha vida.

“Não só estamos no Universo, mas o Universo está em nós”.

(Neil deGrasse Tyson)

RESUMO

As Histórias em quadrinhos são uma linguagem única que se desenvolveu ao longo do tempo com diálogos com outras linguagens, conjuntamente a uma facilidade de dialogar com leitores das mais diversas idades, as caracterizaram como uma das linguagens mais influentes no mundo. Sua utilização como ferramenta artística, de entretenimento e educacional no Brasil vem aumentando gradativamente através do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). O PNBE é um programa criado em 1997 que inclui as histórias em quadrinhos nos acervos das bibliotecas escolares públicas do país, compreendendo-as como uma linguagem relevante no processo de ensino e aprendizado. O Bibliotecário, que dentre diversas atribuições inclui-se a de difusor cultural e educador, deve conhecer mais profundamente essa mídia para aproveitar todo o seu potencial como instrumento de auxílio no processo educacional. Esse trabalho pretende apresentar o PNBE e pelo uso de questionários, verificar a visão dos bibliotecários escolares acerca do programa e sobre a inserção das histórias em quadrinhos nos acervos das bibliotecas escolares. Concluímos que os bibliotecários atualmente atribuem relevância as histórias em quadrinhos no acervo de suas bibliotecas, apesar de ainda não as utilizarem em todo o seu potencial.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos, Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), Biblioteca Escolar, Bibliotecário, Bibliotecário Escolar.

ABSTRAT

The Comic books are a unique language that has developed over time with dialogue with other languages, together with ease of dialogue with readers of various ages, characterized as one of the most influential languages in the world. Its use as an artistic tool, entertainment and education in Brazil has increased gradually through the National Programme School Library (PNBE). The PNBE is a program created in 1997 that includes the comic books in the collections of public school libraries in the country, comprising them as a relevant language in the teaching and learning process. The Librarian, who among many assignments included the cultural diffuser and educator must know more deeply this media to harness its full potential as an auxiliary tool in the educational process. This work intends to present the PNBE and the use of questionnaires, check the vision of school librarians about the program and the inclusion of stories and comics in collections and their use by school librarians. We conclude that librarians currently attribute relevance comic books in the collection of their libraries , though not yet the use of their full potential .

Keywords: Comics, National Program of the School Library (PNBE), School Libraries, Librarian, School libraries.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Desenhos da pré-história nas cavernas de <i>Lascaux</i> , na França.....	16
Figura 2 -	Coluna de Trajano.....	17
Figura 3 -	Tapeçaria de <i>Bayeux</i> , França, século 11.....	17
Figura 4 -	<i>Yellow Kid</i>	19
Figura 5 -	<i>Superman na Action Comics</i>	20
Figura 6 -	Balões.....	21
Figura 7 -	Legenda ou recordatório.....	22
Figura 8 -	Onomatopeia.....	22
Figura 9 -	Requadro.....	23
Figura 10 -	Enquadramento.....	23
Figura 11 -	Calha.....	24
Figura 12 -	Sangria.....	24
Figura 13 -	Revista em quadrinhos, Gibi, <i>Comics</i> ou HQ.....	25
Figura 14 -	Cartum.....	26
Figura 15 -	Charges.....	26
Figura 16 -	Tiras.....	27
Figura 17 -	Caricatura.....	28
Figura 18 -	Fanzine.....	28
Figura 19 -	Mangá.....	29
Figura 20 -	<i>Graphic Novel</i>	30

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	JUSTIFICATIVA.....	12
1.2	OBJETIVOS.....	15
2	HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....	16
2.1	LINGUAGEM E FORMATOS DAS HQS.....	20
3	PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA (PNBE)	31
4	BIBLIOTECÁRIO.....	34
5	BIBLIOTECA E O BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR	36
6	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	39
7	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	40
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
	REFERÊNCIAS.....	44
	APÊNDICE.....	47

1 INTRODUÇÃO

As Histórias em Quadrinhos possuem a facilidade em dialogar com todas as faixas etárias e seu atrativo visual é um estímulo para a transmissão de variados tipos de mensagens, com fins diversos.

O limite está na capacidade criativa de quem os utiliza. Como um meio de comunicação, os quadrinhos podem se converter em um instrumento eficiente para a transmissão de ideias, para a formação de opiniões. Publicitários, artistas plásticos, empresas e até mesmo órgãos do governo já usaram (NOGUEIRA, 2015, p.12)

O amadurecimento do mercado mundial dos quadrinhos, sua interação com outras mídias de massa, como televisão e cinema, pode ser visto como facilitador para a quebra de paradigmas, que ligam os quadrinhos a uma “leitura menor” e a diminuição de preconceitos. Além desses usos, hoje, as HQs estão se inserindo cada vez mais nos campos da educação, como atesta Vergueiro (2009, não paginado), ao dizer que as HQs

Têm pautado presença na escola, tanto como atividade de leitura quanto em práticas usadas em sala de aula. Dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) ao Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), houve uma gradativa inserção do tema na área educacional brasileira. Mais do que isso: quadrinhos se tornaram política educacional do país.

É importante ressaltar tal fato, pois as Histórias em Quadrinhos ainda são vistas pela maioria da população como um tema voltado exclusivamente para o público infantil. Atualmente elas passaram “a ser entendidas pela sociedade não mais como leitura exclusiva para crianças, mas sim, como uma forma de entretenimento e transmissão de saber que podia atingir diversos públicos e faixas etárias” (VERGUEIRO, 2009, não paginado).

Este trabalho pretende verificar qual é o papel do bibliotecário na utilização das histórias em quadrinhos selecionadas pelo PNBE nos acervos escolares. Para isso, será apresentada a evolução do programa, conceito de biblioteca escolar e suas funções. Será abordada linguagens e formatos para melhor compreensão das HQs e maximizar a sua utilização pelos bibliotecários nas bibliotecas escolares.

1.1 JUSTIFICATIVA

Os estudos sobre histórias em quadrinhos vêm comprovando que sua integração de escrita e imagem tem um grande potencial para propiciar experiências singulares ao leitor:

A configuração geral da revista em quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente. A Leitura da revista em quadrinhos é um ato de percepção estática e de esforço intelectual. (EISNER, 1989, p8)

As HQs, ao serem compreendidas como uma linguagem específica podem abarcar os mais variados assuntos, o que abre a possibilidade de aplicação em variados níveis de aprendizado da pré-escola ao ensino superior, de matérias de áreas diversas – sejam ciências humanas ou exatas, por meio, em alguns casos, somente pelo uso da imagem.

É sempre bom lembrar que as histórias em quadrinhos são produzidas para públicos diferenciados (infantil, adolescentes ou adultos) e, portanto, não podem ser usadas indiscriminadamente. Além disso, mesmo aquelas que se destinam apenas ao entretenimento e ao lazer, cujo conteúdo não foi gerado com a preocupação de informar ou passar conhecimento, podem ser utilizadas em ambiente didático (VERGUEIRO; SANTOS, 2012, p. 84)

Segundo o site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), em 1997 iniciou-se o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) como objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura em alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. O atendimento é feito em anos alternados: em um ano são contempladas as escolas de educação infantil, de ensino fundamental (anos iniciais) e de educação de jovens e adultos. No ano seguinte são atendidas as escolas de ensino fundamental (anos finais) e de ensino médio. Hoje, o programa atende de forma universal e gratuita todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar.

O PNBE apesar de ser um avanço na utilização das HQs como ferramenta pedagógica, precisa evoluir na visão das Histórias em Quadrinhos como ferramenta única e valiosa e não apenas como uma forma de fácil assimilação de obras literárias, como comenta Vergueiro (2009, não paginado) ao dizer que é necessário “que o programa se afaste da interpretação de

que quadrinhos são um gênero literário e que passem a ser avaliados pelo conteúdo que apresentam, bom ou ruim, como uma linguagem autônoma”. Comunicação com outras formas de arte é uma característica das HQs, porém sem perder suas características próprias. Essa visão por muitas vezes preconceituosa em relação as HQs é consequência do fato de que

Historicamente, os quadrinhos sofreram inúmeras perseguições, resultado de preconceitos endossados por educadores que, partindo de uma visão reducionista e simplista, condenaram sua leitura por crianças e adolescentes rotularam as hqs como responsáveis pela violência e pela perversão moral da juventude (NOGUEIRA, 2015, p.12)

Falamos que as HQs podem ser utilizadas como importante ferramenta de aprendizado nas escolas, auxiliando a aprendizagem, porém “sua prática enquanto instrumento pedagógico vai além da sua simples existência em prateleiras. O profissional precisa ler, interpretar e tecer criticidades diante do objeto” (PIMENTA, 2012, p. 166). Segundo Groensteen (2004, p44), “É nas articulações internas em elos de imagens que se fixa o sentido, jogando o texto, por este ângulo, frequentemente, apenas um papel complementar”. Desse modo, um bibliotecário necessita de conhecer como os sentidos são produzidos na linguagem das HQs.

Um projeto interessante com a utilização de HQs foi a pesquisa de iniciação científica (PIBCT) junto ao curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná como tema – “Gêneros textuais e a diversidade do trabalho pedagógico no ensino da língua portuguesa: A arte sequencial”, com a orientação da Professora Doutoranda Fabiane Lopes de Oliveira em 2012. O trabalho tinha o objetivo de verificar como são elaboradas as políticas de incentivo à leitura dentro do ambiente escolar e quais as ferramentas utilizadas. Além disso, tinha o objetivo de identificar se as histórias em quadrinhos são usadas em sala de pelos professores e os benefícios que elas trazem ao aprendizado. Além deste exemplo, poderíamos citar vários outros.

Segundo Vergueiro (2009), o PNBE e o seu olhar gradativamente maior para as histórias em quadrinhos mostram que o gênero está sendo observado por sua relevância no campo da educação como instrumento pedagógico, sendo que, tal medida reflete na biblioteca escolar, cuja função é a de auxiliar o ensino e o aprendizado da comunidade escolar e em sua política de seleção e desenvolvimento de coleções.

O bibliotecário precisa estar familiarizado com as diversas linguagens presentes no espaço da biblioteca escolar. A maior presença das histórias em quadrinhos nas bibliotecas

públicas escolares tem “trazido à tona uma adiada necessidade de se compreender melhor a linguagem, seus recursos e obras” (VERGUEIRO, 2009, não paginado).

1.2 OBJETIVOS

Neste capítulo será apresentado o objetivo geral e específicos dos quais se propõe o presente trabalho.

O objetivo geral é verificar o papel do bibliotecário na utilização das histórias em quadrinhos selecionadas pelo PNBE nos acervos de bibliotecas escolares.

Os objetivos específicos são:

- a) Expor um sucinto histórico das histórias em quadrinhos.
- b) Apresentar um breve histórico do PNBE e dos seus objetivos na política educacional brasileira.
- c) Apresentar o conceito de biblioteca escolar e suas funções
- d) Definir o que é bibliotecário escolar e suas funções.

2 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

As histórias em quadrinhos caminham lado a lado com desenvolvimento da sociedade, podendo ser considerada um espelho da necessidade de comunicação humana. A origem das HQs nos remete à pré-história, à comunicação dos primeiros homens, que desenhavam nas paredes das cavernas, estas seu primeiro suporte. Segundo Vergueiro (1998), a utilização da imagem como forma de comunicação mostrou-se como a primeira forma do homem contar histórias do seu dia-a-dia. A arte rupestre, como ficou conhecida, é encontrada em diversas cavernas pelo mundo, como, por exemplo, na caverna de *Lascaux*, na França.

Figura 1: Desenhos da pré-história nas cavernas de *Lascaux*, na França



Fonte: Ciência (2010)

Com a evolução da espécie humana e seus deslocamentos, as paredes das cavernas não atendiam mais as suas necessidades de comunicação “surgiu então a necessidade de se criar algo que pudesse perpetuar essa memória: a escrita”. (VERGUEIRO, 1998, p. 121). E com a escrita, também ocorreu o surgimento de outros suportes, que pudessem suprir a necessidade de armazenar a memória de grupos, mesmo em caso de deslocamentos. Ainda assim, as imagens se faziam presentes nas características dos primeiros alfabetos que “guardavam muita relação com a imagem daquilo que pretendem representar, constituindo o que se conhece como escrita hieroglífica, encontrada, por exemplo, nos papiros egípcios” (VERGUEIRO, 1998, p. 121).

A posterior solidificação do alfabeto fonético como principal meio de comunicação global de forma alguma fez desaparecer as imagens como forma de transmitir informações,

uma vez que grande parte das pessoas não sabia ler, ato que entre os antigos era privilégio de poucos.

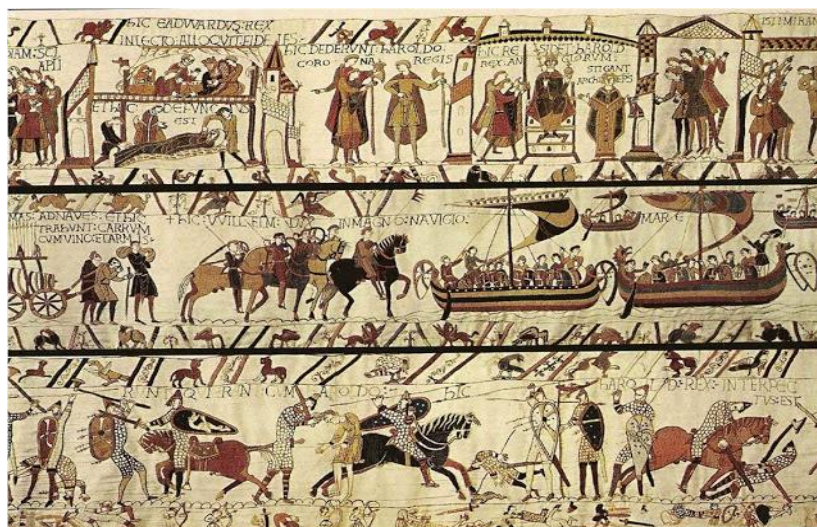
A linguagem pictórica não era mais utilizada para retratar o cotidiano, porém devido a sua capacidade de atingir a todas as camadas sociais mostrava-se presente de várias maneiras através dos anos. “E os exemplos são abundantes: os quadros da Via Sacra nas igrejas católicas; a coluna de Trajano, cobertas por desenhos que contam a história do reinado do Faraó; as tapeçarias de Bayeux” (VERGUEIRO 1998, p.122).

Figura 2: Coluna de Trajano



Fonte: Ciência (2010)

Figura 3: Tapeçaria de *Bayeux*, França, século 11



Fonte: Ecos (2015)

Nos séculos seguintes, há um marco importante, como o surgimento da imprensa na década de 1430. Com a invenção de Gutenberg a propagação de livros intensificou-se. Isso se dava, fundamentalmente, em razão da facilidade que havia na reprodução dos textos. Não era necessário copiar manualmente como era feito até aquele momento. Porém, mesmo com a escrita possuindo maior atenção, a indústria tipográfica encontrou as condições ideais para crescer, aliado a outros tipos de transmissão de ideias. Segundo Vergueiro (1998) a indústria tipográfica encontrou no surgimento da imprensa e nas duas necessidades humanas básicas: transmissão de ideias e acontecimentos (jornalismo) e entretenimento o ambiente ideal para o seu desenvolvimento. A representação gráfica firmou-se como caricaturas e sátiras que retratavam a sociedade da época.

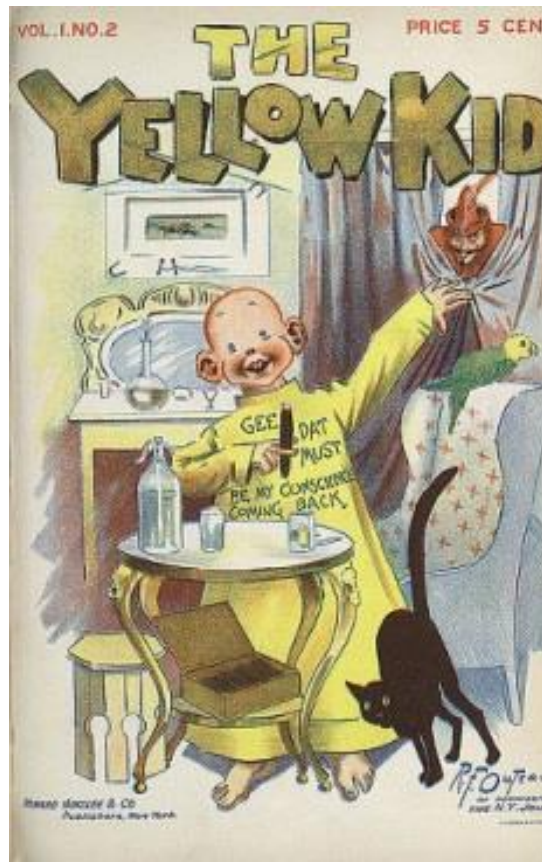
Apesar de difícil precisão, a segunda metade do século XIX é tida como um período vital para o surgimento dos quadrinhos como conhecemos hoje, com circunstâncias artísticas, ambientes e mercados propícios à cultura de massa em várias partes do mundo, devido à Revolução Industrial.

A Revolução Industrial estabelece um limite, pelo menos inicial, na gênese nas historietas, pois é no mapa desse período que o marco do ano zero da história das histórias em quadrinhos foi estabelecido. No entanto, a necessidade de relacionamento entre as histórias em quadrinhos e a Revolução Industrial não é exclusivamente ditada pela sua origem, mas também pelo levantamento de alguns fatores decisivos para o entendimento do seu significado histórico e estrutural (MOYA, 1977, P.104).

Com novas tecnologias devido à Revolução Industrial, e sua grande estrutura para o entretenimento de massa, surgiu a história ilustrada do menino chamado *Yellow Kid*, que vestia uma camisola amarela nas páginas do jornal norte-americano *New York World*. Não pode deixar de ser feita a ressalva que essa é a visão predominantemente americana, já que no Brasil já tínhamos o Angelo Agostini, que publicou sua primeira história com personagem fixa na *Vida Fluminense*, em janeiro de 1869, intitulada “As aventuras de Nhô Quim ou impressões de uma viagem à Corte”, que narra as experiências de um caipira perdido na cidade grande.

A partir do *Yellow Kid* apareceram vários outros, focados principalmente no humor, que alavancaram a vendas dos periódicos envolvidos.

Figura 4: Yellow Kid

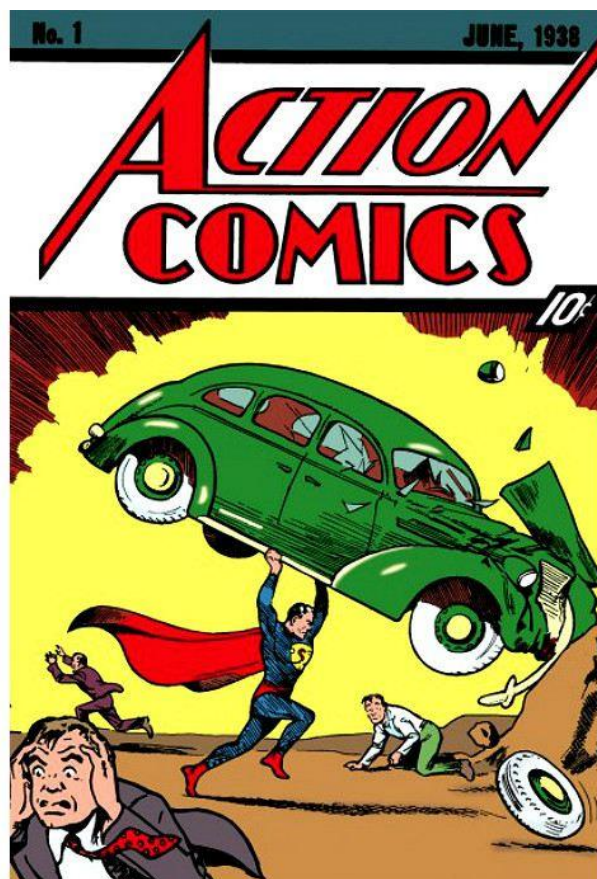


Fonte: Outcault, Richard (1895)

Posteriormente, formaram-se grandes organizações voltadas à comercialização dos quadrinhos que retiraram dos jornais o vínculo profissional dos artistas envolvidos na sua produção, chamadas de syndicates. Essas organizações foram de fundamental importância na popularização dos quadrinhos em todo o mundo, servindo também de divulgador da cultura norte-americana pelo globo.

Se os quadrinhos eram publicados na imprensa por meio de tiras, o formato de revista demorou a se firmar. Nesse processo o surgimento dos super-heróis foi de vital importância, tendo como marco o *Superman*, surgido em 1938, na revista *Action Comics*, e que foi seguido de inúmeros outros personagens que ocuparam de forma nunca antes vista a linguagem das histórias em quadrinhos.

Figura 5: *Superman na Action Comics*



Fonte: Siegel, Jerry e Shuster, Joe (1938)

pode-se dizer que as histórias em quadrinhos firmaram-se enquanto meio de comunicação de massa a partir do sucesso dos comic books no mercado norte-americano. Sua trajetória histórica [...] costuma também identificar momentos de crise temática (o período posterior a 2º Guerra Mundial) e de consumo (final da década de 70 e início da de 90), mas conseguiram sobreviver e resistir às crises, firmando-se como um dos produtos mais característicos do século 20 (VERGUEIRO, 1998, p.128)

Atualmente as HQs contam com grande difusão na cultura pop, integradas ao cinema, séries de TV e animações. Também surgiram as HQs publicadas na internet, chamadas de *webcomics*.

2.1 Linguagem e Formatos das HQs

Para a melhor compreensão das HQs é necessário conhecer a sua linguagem, e como a mesma constrói sentido.

Em sua forma mais simples, os quadrinhos empregam uma série de imagens repetitivas e símbolos reconhecíveis. Quando são usados vezes e vezes para expressar ideias similares, tornam-se uma linguagem – uma forma literária, se quiserem. E é essa aplicação disciplinada que cria a “gramática da Arte Sequencial”. (EISNER, 1989, p8)

Serão apresentados aqui alguns termos elementares para melhor compreensão da linguagem das HQs:

- a) **Balão:** Uma das principais características dos quadrinhos, o balão é uma das formas mais marcantes do texto ser apresentado, como diálogo entre os personagens e muitas outras formas gráficas de comunicação com o leitor, dependendo do contexto da história, estabelecendo uma relação entre a leitura da imagem e do texto. “os balões são lidos segundo as mesmas convenções do texto (isto é, da esquerda para a direita e de cima para baixo nos países ocidentais) e em relação a posição do emissor” (EISNER, 1989, p.26). Os contornos dos balões indicam a expressão dos personagens e possuem uma indicação para a autoria da mensagem.

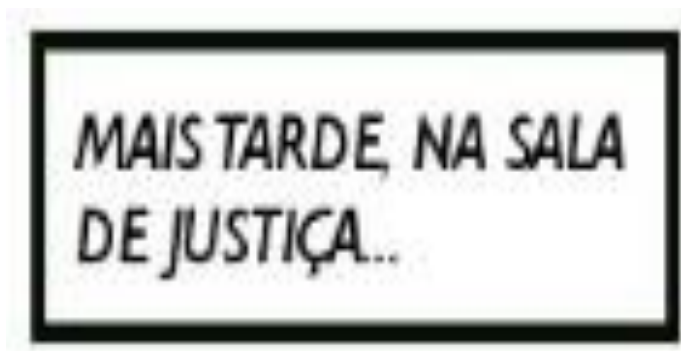
Figura 6: Balões



Fonte: Sapos (2016)

- b) **Legenda ou recordatório:** geralmente fica acima do quadrinho, mas pode ocupar outros lugares. Costuma representar a voz do narrador.

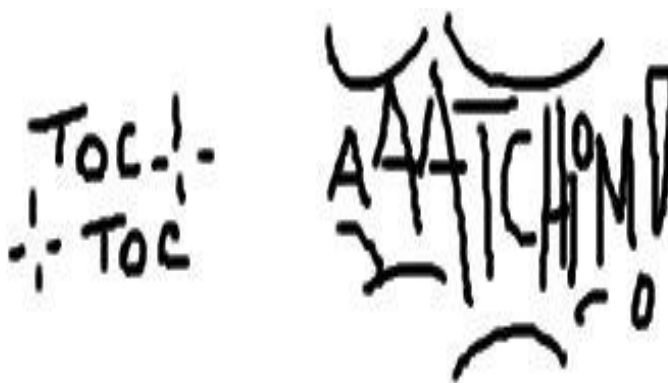
Figura 7: Legenda ou recordatório



Fonte: Sapos (2016)

- c) Onomatopeia: Reproduz os efeitos sonoros nas histórias através de imagens gráficas, fazendo efeitos visuais representarem ruídos. Apesar de a Onomatopeia ser uma característica comum na literatura, nas HQs ela se diferencia pela abordagem gráfica.

Figura 8: Onomatopeia



Fonte: Sapos (2016)

- d) Requadro: As HQs tem uma característica marcante que é o conjunto de linhas que delimitam o espaço de cada cena, essa moldura é conhecida como requadro e podem ganhar formatos diferentes ou estar ausente de acordo com a narrativa

O formato (ou ausência do requadro pode se tornar parte da história em si). Ele pode expressar algo sobre a dimensão do som e do clima emocional em que ocorre a ação, assim como contribuir para a atmosfera da página como um todo. O propósito do requadro não é tanto estabelecer um palco, mas antes aumentar o envolvimento do leitor com a narrativa. (EISNER, 1989, p. 46)

Figura 9: Requadro



Fonte: Sapos (2016)

- e) Enquadramento: é o posicionamento das cenas numa página de revista de quadrinhos, assumindo função semelhante à de uma câmera de cinema, ou seja, a posição dos desenhos no quadrinho - cenário, personagens, objetos etc., assumindo ângulos e planos diferentes.

Figura 10: Enquadramento

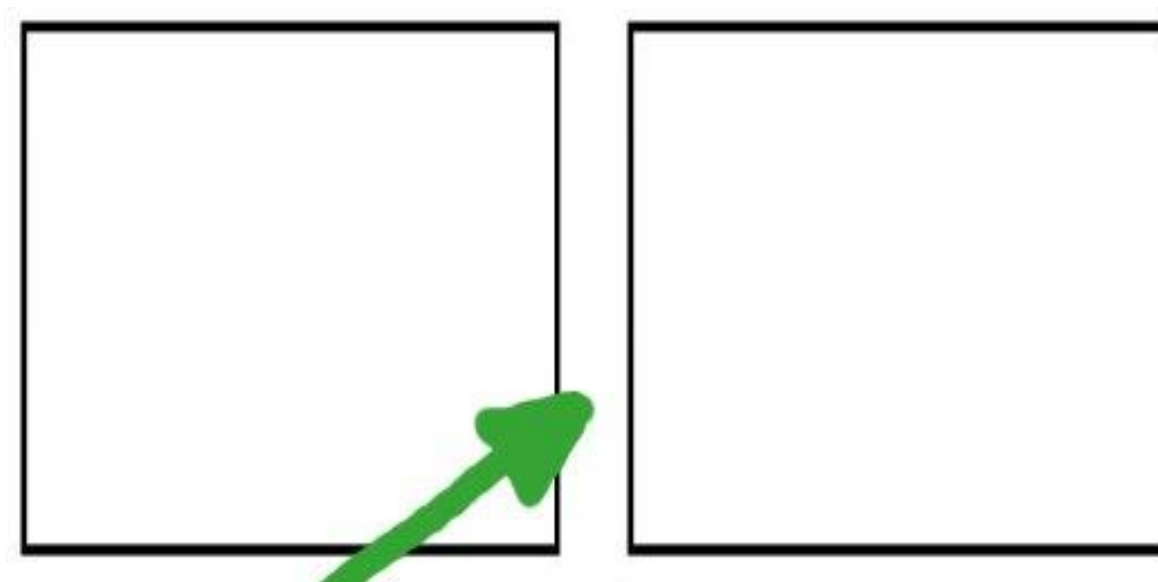


Fonte: Pandora (2016)

- f) Calha ou Corte Gráfico: É o vão entre os quadrinhos. A Calha pode ajudar na delimitação do tempo: mais larga, indica mais tempo entre um quadro e outro; se é mais curta indica ação mais rápida e contínua. É o elemento que diferencia as HQs de qualquer

outra linguagem, pois é o elemento central onde agenciamos os diversos outros signos de forma sequencial para construirmos sentido na e pela narrativa.

Figura 11: Calha



Fonte: Sapos (2016)

- g) Sangria: É o termo utilizado quando o desenho ou outro elemento ultrapassa o requadro.

Figura 12: Sangria



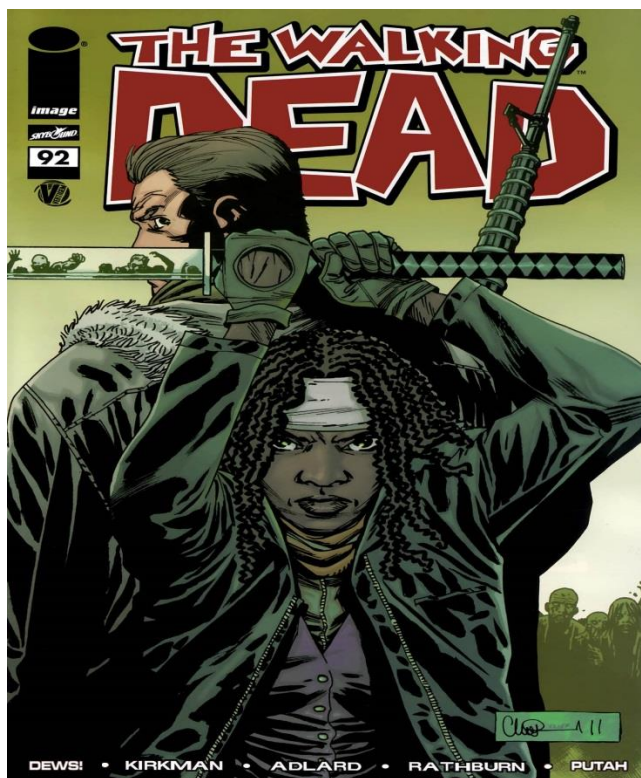
Fonte: Pipoca (2011)

Quanto ao formato, as histórias em quadrinhos se apresentam de formas variadas:

Revista em quadrinhos, Gibi, Comics ou HQ são as publicações mais populares de quadrinhos atualmente, possuem

um grande número de imagens desenhadas que apresentam narrativas mais amplas [...]. Normalmente estas imagens são agrupadas em pranchas de páginas contendo inúmeros quadrinhos justapostos sequencialmente [...]. Podem ser revistas seriadas com publicação quinzenal, mensal, bimensal ou anual e até álbuns de única publicação. (BRAGA JR apud MODENESI, vol. 2, 2015, p.19-20).

Figura 13: Revista em quadrinhos, Gibi, Comics ou HQ



Fonte: Central (2016)

Existem produtos diretamente ligados aos quadrinhos que são associadas aos quadrinhos pelo público leigo, mas que possuem as suas peculiaridades. Segue abaixo uma breve descrição deles:

- a) Cartuns: Narrativa de humor, “são piadas, situações engraçadas ou vexatórias e cômicas que divertem pela leitura. Lidam com tabus, hábitos culturais e práticas que

estão associadas ao imaginário coletivo”. (BRAGA JR, apud MODENESI, vol. 2, 2015, p.16)

Figura 14: Cartum



Fonte: Um Vestibulando (2013)

- b) Charge: O Objetivo da Charge é crítica com humor de um acontecimento, geralmente político e social, altamente reflexivo, utilizando-se da sátira. Normalmente é encontrada em jornais e revistas.

Figura 15: Charges



Fonte: Blog Charges (2016)

- c) Tiras: Semelhante aos cartuns e charges, diferenciando apenas em sua formatação. As tiras geralmente aparecem entre três e cinco quadros. Muito comum nos jornais.

Figura 16: Tiras



Fonte: Um Vestibulando (2013)

- d) Caricatura: Tem como finalidade a representação de alguma pessoa ou personagem realçando, de forma exagerada e humorística, “além de revelar como lidamos com determinadas características sociais de discriminação social com base na aparência física das pessoas” (BRAGA JR, apud MODENESI, vol. 2, 2015, p.14). Mais comum em jornais e revistas.

Figura 17: Caricatura



Fonte: Um Vestibulando (2013)

- e) Fanzine: São revistas de caráter amador, normalmente são revistas de baixo custo feitas de forma independente por fãs de determinado gênero, neste caso os quadrinhos.

Figura 18: Fanzine



Fonte: Ferreira, Isaac (2016).

- f) **Mangá:** Revistas em quadrinhos japonesas, com grande variedade de assuntos. Devem ser lidas do jeito oriental, da direita para a esquerda, geralmente em preto e branco.

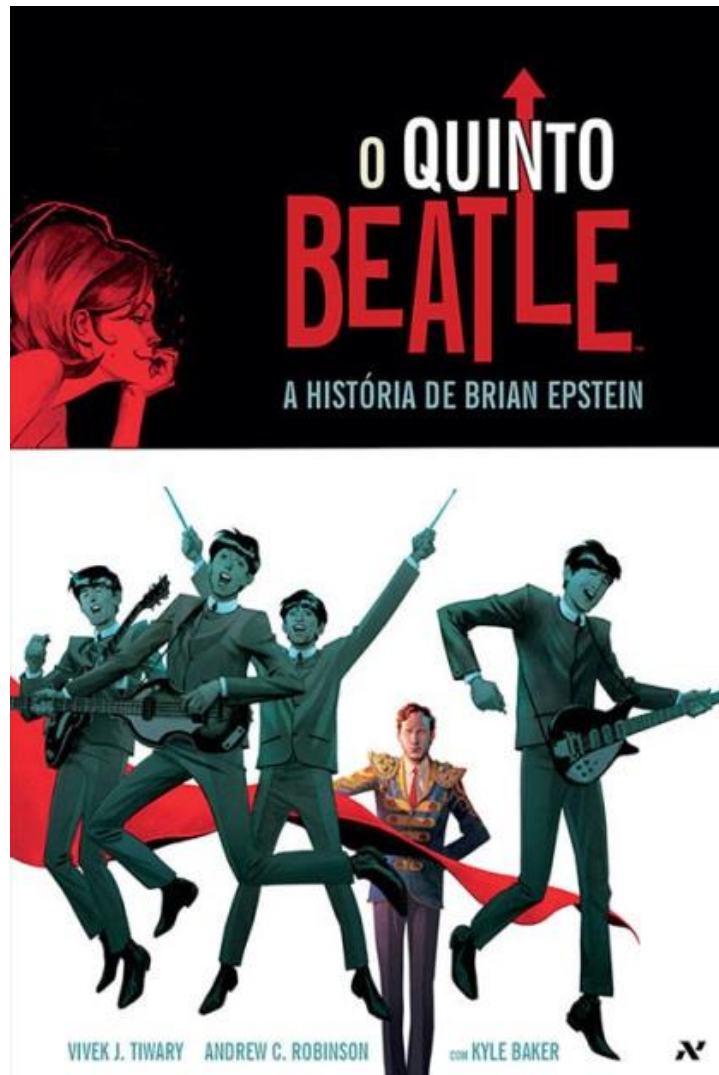
Figura 19: Mangá



Fonte: Dica (2015)

- g) **Graphic Novel:** na tradução, romance gráfico, refere-se a uma HQ mais elaborada, tanto em sua edição quanto nas narrativas, geralmente mais densas e complexas. São publicadas em histórias fechadas.

Figura 20: Graphic Novel



Fonte: Universo (2014)

3 PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA (PNBE)

Para tratarmos o Programa Nacional Biblioteca da Escola, é preciso citar fatores que pavimentaram o seu surgimento, e a utilização das histórias em quadrinhos como parte de uma política de educação. Segundo Vergueiro (2010), o início de uma mudança mais efetiva ocorreu com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em 20 de dezembro de 1996, que trazia à tona a necessidade da utilização de outras linguagens artísticas nas turmas de ensino médio e fundamental. No “Item II de § 1º do Art. 36 registra, de forma mais explícita, que, entre as diretrizes para o currículo do ensino médio, está o conhecimento de ‘formas contemporâneas de linguagem’” (VERGUEIRO, 2009, não paginado).

Essa abertura para outros tipos de linguagens artísticas em ambiente escolar foi a base para as histórias em quadrinhos entrarem no ambiente escolar, porém, de forma oficial isso ocorreu ano seguinte (1997), com a elaboração dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais). Os PCN continham possibilidades de práticas pedagógicas para serem utilizadas pelos professores de ensino médio e fundamental. “Os parâmetros da Área de artes para 5º e 8º Séries mencionam especificamente a necessidade de o aluno ser competente na leitura de histórias em quadrinhos e outras formas visuais” (VERGUEIRO, 2009, não paginado). [Nos PCN também eram citadas as histórias em quadrinhos como ferramenta de ensino para o ensino médio, colocando a necessidade de uma leitura mais aprofundada nas HQs.]

Em 1997 iniciou-se o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que é executado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) em parceria com a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. As ações do PNBE são centralizadas, e têm apoio logístico das escolas públicas, prefeituras e secretarias estaduais e municipais de Educação. Segundo informações do site do FNDE (2012), do Governo Federal, o PNBE tem como objetivo fornecer obras e demais materiais de apoio prática da educação básica às escolas de ensino das redes federal, municipal e do distrito federal, na educação infantil, no ensino fundamental, no ensino médio e educação de jovens e adultos.

São entregues às escolas por meio do PNBE; PNBE do professor; PNBE periódicos e PNBE temático acervos compostos por obras de literatura, de referência, pesquisa e outros materiais com o objetivo de democratizar o acesso às fontes de informação, ao fomento à leitura e a formação de alunos e professores.

Todas as escolas públicas cadastradas no censo escolar realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) são atendidas pelo programa sem a necessidade de adesão.

O acervo cedido pelo PNBE é composto de: obras clássicas da literatura universal; poemas; contos, crônicas, textos teatrais, novelas, textos de tradição popular, romances, memórias, diário, biografia, relatos de experiências, livros de imagens e histórias em quadrinhos, e são adquiridos através de licitações do governo. O Edital estabelecendo as regras para a inscrição e avaliação das coleções é publicado no Diário Oficial da União e disponibilizado na internet. Nele são determinadas as regras de aquisição e o prazo para a apresentação das obras pelas empresas detentoras de direitos autorais.

Segundo o portal do MEC, a Seleção e a avaliação do acervo são realizados por um colegiado, instituído anualmente, por portaria ministerial, com representantes do Conselho Nacional de Secretários da Educação (Consed), União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação (Undime), do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), e de técnicos e especialistas na área de leitura, literatura e educação do Ministério da Educação e de universidades.

As histórias em quadrinhos passaram a fazer parte do PNBE a partir de 2006. De acordo com o portal do MEC: a leitura das HQs requer é algo bastante complexo devido às linguagens utilizadas nas HQs como: textos, imagens, balões, ordem das tiras e onomatopeias. Vale realçar que o PNBE não privilegia as HQs em detrimento de outras formas de arte

Os critérios de adoção de um título são pautados por suas qualidades artísticas, não por seu gênero. Desta forma, os livros de histórias em quadrinhos concorrem em pé de igualdade com muitos outros gêneros numa composição acirrada para a composição do acervo final.

(BAHIA, 2012, p. 347.)

A visão do PNBE em relação às HQs ainda era de adaptação de obras literárias, como constava em seu primeiro edital, no item 5º que previa “livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos, dentre os quais se incluem obras clássicas da literatura universal, artisticamente adaptadas para o público jovem” (VERGUEIRO, 2009). Essa visão limitada das HQs e sua utilização principalmente como adaptação de clássicas obras da literatura universal pautou os editais do PNBE entre 2006 e 2008. O edital de 2009 trouxe algumas mudanças, embora as HQs continuem como gênero literário. Agora as HQs não precisam ser

adaptações literárias para serem utilizadas pelo ensino médio, já que eram indicadas anteriormente ao ensino fundamental.

A relação de 2009 torna possível acreditar em um início de mudança. Quadrinhos seriam como efetivamente são – leitura. Nesse sentido, o governo parece concordar que há romances bons e maus. Como há quadrinhos bons e maus. Como há poemas bons e maus. Cabe ao leitor discernir o joio do trigo. (VERGUEIRO, 2009, não paginado)

As HQs, linguagem que por tantos anos foi mantida longe do ambiente escolar, estão em um momento inédito de inserção no ambiente escolar. O PNBE, apesar de ainda privilegiar adaptações literárias, dá indícios de correção em suas avaliações.

“Tais avaliações tem sido minimizadas e corrigidas pelo próprio sistema de avaliação na medida em que as HQs vão sendo incorporadas como parte integrante e desejável na formação intelectual do jovem leitor” (BAHIA, 2012, p. 347).

Por ter sido mantida distante do ambiente escolar por muito tempo e por estar gradativamente conquistando a sua importância em projetos governamentais de estímulo a cultura, é preciso a participação dos bibliotecários como agentes difusores das histórias em quadrinhos nas bibliotecas escolares.

4 BIBLIOTECÁRIO

Essencialmente, o bibliotecário é o profissional formado em Biblioteconomia. A Biblioteconomia possui uma longa história em organizar e transmitir informações e conhecimento, como atesta Dias (2000) ao dizer que há tempos como na Biblioteca de Assurbanipal – Rei da Assíria – entre 669 e 626 a.C. já existiam catálogos de livros.

Segundo Dias (2000), com a passar do tempo, esse trabalho de organização e difusão de informação foi ganhando mais complexidade, o que levou ao surgimento da Biblioteconomia como Ciência. A Biblioteconomia contou com o desenvolvimento por Melvil Dewey do seu sistema de classificação Decimal de Dewey em 1876. Para elaborar esse sistema Dewey foi a varias bibliotecas estudar os sistemas vigentes. Isso demonstra segundo Dias (2000), uma preocupação sistemática em buscar os melhores resultados de um problema, que é a lógica do processo científico.

A Biblioteconomia como ciência formal começa com a fundação da *Graduate Library School da University of Chicago*, na década de 1930. Desde então, ocorreu o surgimento de diversos cursos de Biblioteconomia.

Para Le Coadic (2004) a Biblioteconomia possuiu, em um primeiro momento, um foco na gestão de acervos de livros, planejamento administrativo e seus usuários. Atualmente, foram sucedidas por unidades de informação que possuem grande variedade de suporte, formatos e integração em rede em tempo real.

A atual conjuntura tecnológica, as variadas formas de armazenamento e disseminação da informação, que passa cada vez mais a ser vista como algo valioso torna mais complexa a definição do papel do bibliotecário.

De acordo com Arruda (2000), neste cenário, a tecnologia demanda uma nova postura dos profissionais da informação. Este cenário de alteração de perfil profissional não se restringe apenas aos profissionais da informação, mas é uma característica do nosso atual mercado de trabalho.

O novo modelo econômico interpõe um novo perfil profissional que requer, além de maior qualificação profissional que requer, além de maior qualificação profissional que potencialize a comunicação e interpretação de dados, a flexibilização, a integração funcional e a geração, absorção e troca de conhecimento [...] capaz de interpretar dados e sinais emitidos pelos novos sistemas autônomos, agindo proativamente a partir desses dados, atuando como agente do processo de inovação. [...]

solicita-se que ele cumpra diversas tarefas, que seja polivalente ou multifuncional. (ARRUDA, 2000, p. 17).

Segundo Santos (1996) É função do bibliotecário servir a sociedade, reconhecendo o valor econômico da informação, mas não deixando que as barreiras econômicas atrapalhem o acesso à informação.

Vale lembrar que a automação não é a realidade em todas as unidades de informação, tal fato fortalece a necessidade de um profissional capaz de lidar com diversos tipos de condições.

Segundo Silveira (2008) a atuação de um bibliotecário não mais ficam nos limites físicos de um acervo, e sim a todo um ciclo informacional. Isso leva além dos aspectos teóricos, práticos, tecnológicos, dos processos de coleta, organização e preservação da informação, atingindo também concepção, circulação, acesso e suas consequências econômicas, políticas e sociais.

O bibliotecário possui também um importante papel educacional, como colocado por Rasteli; Cavalcanti (2013) na formação de um bibliotecário é preciso ênfase também em aprendizado contínuo em cultura geral, fator importante para fomentação da leitura.

Segundo Dudziak (2003), os bibliotecários são profissionais versáteis e adaptáveis. De acordo com Rasteli e Cavalcanti (2013, p. 169) “O papel do bibliotecário está embutido na função de agente socializador da informação, contribuindo no processo de aprendizagem dos indivíduos através das mais diversas formas de leitura”.

Todos esses fatores devem funcionar como estímulos aos bibliotecários na constante busca por mais conhecimento.

5 BIBLIOTECA E O BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR

Segundo Pimentel (2007), a biblioteca escolar tem como característica encontrar-se em escolas, ser concebida para ter uma relação simbiótica com a sala de aula e no desenvolvimento do currículo escolar, tendo papel central nos recursos educativos, aliada ao processo de ensino-aprendizagem, desenvolver e estimular a leitura e a informação, podendo ser útil também a comunidade que a cerca.

Ensino e biblioteca são instrumentos complementares...; ensino e biblioteca não se excluem, completam-se, uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será por seu lado, instrumento vago e incerto. (LOURENÇO FILHO, 1944, p 3-4)

Ajudar a fazer do aluno, um indivíduo autossuficiente na busca pela informação é sem dúvida um dos papéis mais significantes a ser realizado por uma biblioteca escolar.

Aprender a utilizar a informação é uma das mais importantes atividades do currículo escolar e a biblioteca seria “o laboratório de aprendizagem”, contribuindo para a formação de estudantes bem sucedidos e adultos capacitados, já que na vida futura a capacitação e a satisfação tanto no plano pessoal e social como no profissional dependem da competência individual em usar a informação. (VÁLIO, 1990, p.21)

Deve ser realçada a individualidade de cada biblioteca, como da instituição em que está inserida e a comunidade de que faz parte, o que acarretará na variação das necessidades e hábitos relacionados à informação e a cultura.

O ideal é que elas funcionem em espaços projetados para isso, bem acessíveis, se possível em prédio próprio, com ambiente agradável, bem sinalizado, possuir acervo relevante, espaço para pesquisa e outros espaços, tudo isso integrado aos fatores ambientais, iluminação, temperatura, controle de ruídos, entre outros. Porém acabam funcionando muitas vezes em pequenas salas e comandadas por pessoas que, apesar de muitas vezes possuírem boa vontade, não contam com o conhecimento necessário para o cargo, que deve ser exercido por um bibliotecário.

A biblioteca escolar deve ser muito mais do que um espaço para leitura e depósitos de livros, e também deve contar com profissionais capacitados para a função e para aproveitar todo o seu potencial, melhorando o espaço físico e auxiliando na formação de cidadãos.

Nesse sentido a biblioteca escolar não deve ser só um espaço de ação pedagógica, servindo como apoio a construção do conhecimento e de suporte de pesquisas. Deve ser, sim, um espaço perfeito para que todos que nela atuam possam utilizá-la como uma fonte de experiência, exercício da cidadania e formação para toda a vida. (PIMENTEL, 2007, p. 25)

O conceito de biblioteca escolar deve ser colocado como um habilitador para a aprendizagem do estudante ao longo da vida, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis.

A biblioteca escolar exerce papel fundamental na fomentação de uma sociedade feita por indivíduos críticos, que possam contribuir efetivamente para o seu desenvolvimento.

Segundo Caldin (2005), a biblioteca escolar também possui função cultural, sendo uma ferramenta para a formação da consciência crítica do aluno.

De acordo Caldin (2005), em um mundo globalizado e dinâmico, os bibliotecários devem abandonar o papel passivo e os ditos tradicionais de meras atividades técnicas para um papel ativo de agente de mudanças sociais.

O bibliotecário escolar deve estar consciente da sua função de educador, auxiliando o aluno a pensar, refletir e questionar ideias contidas nas obras, que devem dispor de várias vertentes de pensamento para um mesmo conhecimento para um melhor desenvolvimento do seu senso crítico.

Para que isso seja colocado em prática é fundamental um acervo variado em uma biblioteca escolar. As dificuldades financeiras e estruturais, que são a realidade de muitas instituições, não podem ser um pretexto para a viabilização de bons projetos. Daí a importância ainda maior de um bom bibliotecário escolar, capaz de escolher um acervo diversificado e atuando como crítico das obras, jamais delegando essa função apenas aos professores.

Para isso o bibliotecário escolar precisa ler e conhecer as histórias em quadrinhos, para que possa desenvolver opiniões embasadas sobre assuntos e a forma como são abordados.

Dessa forma o bibliotecário escolar terá percorrido um grande caminho para se tornar apto a estimular e coordenar o processo de formação do senso crítico e reflexivo de um indivíduo em formação.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho é uma pesquisa com abordagem qualitativa. Por se adequar melhor a natureza do problema apresentado, que faz a análise da dessa questão sem o emprego de técnicas estatísticas. Com isso, de acordo com GIL (2008) busca-se compreender um dos processos dinâmicos comuns vivenciados por determinados grupos sociais, discutindo a respeito de sua origem e procurando possíveis soluções que visam possibilitar o entendimento do comportamento desses indivíduos e contribuir no processo de mudança de seus pensamentos e ações. Segundo Minayo (2009, p. 21), “A pesquisa qualitativa responde a questões particulares, enfoca um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.”.

O levantamento de dados foi realizado por meio de questionário com duas bibliotecárias que realizam atividades em bibliotecas escolares de instituições federais. Optamos pela utilização do questionário porque segundo Gil (2008) garante o anonimato das respostas, o pesquisado não é exposto a influência e aspecto pessoal do entrevistado e possibilita que as pessoas respondam às perguntas no momento que acharem mais conveniente.

8 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Foram buscados bibliotecários escolares de dois colégios federais para responderem o questionário elaborado nessa pesquisa. Aos bibliotecários foram colocadas as questões abordadas neste trabalho, como **a presença ou não das histórias em quadrinhos no acervo, se o PNBE auxilia** nessa presença e **como o bibliotecário vê o seu papel em relação às HQs** na biblioteca escolar.

A seguir serão apresentadas as perguntas e as respostas do questionário utilizado nessa pesquisa:

1) A Biblioteca possui histórias em quadrinhos em seu acervo?

As bibliotecárias responderam que sim.

2) Como é realizada a aquisição das histórias em quadrinhos da biblioteca?

Uma bibliotecária respondeu que o PNBE é a única forma de aquisição de histórias em quadrinhos da biblioteca.

A outra bibliotecária citou outras formas de aquisição como doações da comunidade e compras pela instituição de ensino, mas lembrou que o PNBE é a fonte principal para a aquisição das HQs da biblioteca.

3) Você conhece o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)?

As bibliotecárias disseram conhecer o programa.

4) A Biblioteca possui histórias em quadrinhos do PNBE em seu acervo?

As bibliotecas possuem HQs do PNBE em seu acervo

5) Você considera relevantes as obras em quadrinhos cedidas pelo PNBE a sua biblioteca?

As bibliotecárias consideram as obras em quadrinhos relevantes as suas bibliotecas

6) Você lê ou já leu histórias em quadrinhos?

As bibliotecárias responderam que leem HQs.

7) Os professores da unidade em que a sua biblioteca está inserida, utilizam ou já utilizaram histórias em quadrinhos da biblioteca?

Uma bibliotecária afirmou que os professores da instituição não utilizam as HQs da biblioteca.

A outra respondeu o oposto, que os professores utilizam bastante as HQs da biblioteca, inclusive realizando projetos pedagógicos utilizando as histórias em quadrinhos.

8) Os alunos buscam histórias em quadrinhos na biblioteca?

Ambas as bibliotecárias responderam que os alunos da instituição buscam as HQs na biblioteca.

9) Você indica ou já indicou alguma história em quadrinhos da biblioteca para os usuários?

As duas bibliotecárias afirmaram indicar HQs para os seus usuários.

10) Em uma escala de 1 a 5, qual a relevância você daria às histórias em quadrinhos em uma biblioteca escolar?

As bibliotecárias atribuíram cinco na escala de relevância das HQs em uma biblioteca escolar.

11) Você acha que o bibliotecário escolar deve conhecer a linguagem das histórias em quadrinhos, os diferentes gêneros quadrinísticos, o público a que são destinadas? Por quê?

As respostas foram bem parecidas nesse quesito. Ambas as bibliotecárias realçaram a importância das HQs para estímulo à leitura das crianças, alternativa mais atrativa à literatura tradicional através de adaptações e um encaminhamento ao interesse a obra original.

12) Enquanto profissional bibliotecário, você se sente preparado para trabalhar com histórias em quadrinhos com a comunidade de sua biblioteca?

Ambas as bibliotecárias responderam que sim, apesar de uma ter dito que uma atualização seria útil.

De forma geral os resultados dos questionários mostram que o PNBE como um importante estímulo educacional e cultural, que está presente no dia a dia das bibliotecas escolares, e que o amadurecimento do programa em relação a sua visão das HQs será de muita valia as bibliotecas escolares e seus usuários.

Os quadrinhos não são mais vistos pela maioria dos educadores e bibliotecários como algo prejudicial aos alunos como foi há algumas décadas, mas como uma ótima ferramenta para estímulo a leitura pela facilidade de compreensão e atração que causa aos estudantes. Porém a limitação dessa ferramenta ainda se mostra presente quando utilizada como um meio de se alcançar algo “mais tradicional”. As HQs como arte e ferramenta educacional, é um estímulo à leitura e a cultura que não deve ser vista pelos bibliotecários apenas como uma ponte para a literatura, mas que deve conviver com ela e outras formas de arte.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Histórias em quadrinhos caminham ao lado da sociedade, enfrentando preconceitos e firmando-se cada vez mais como uma forma de arte valorosa e uma ótima ferramenta educacional.

Sua presença em ambiente educacional é uma tendência demonstrada no Brasil através da presença de suas obras no Programa Nacional Biblioteca da Escola, que é um programa nacional de estímulo a cultura que fornece obras das mais diversas formas de arte às escolas públicas brasileiras.

O PNBE demonstra grande potencial para avançar na valorização das histórias em quadrinhos no ambiente cultural e educacional, superando gradativamente na sua visão das HQs apenas como ferramenta de encaminhamento a “literatura tradicional”.

Os bibliotecários, em especial o bibliotecário escolar, tem entre as suas muitas atividades, a função de estimular o senso crítico dos seus usuários através da leitura e da cultura. A utilização plena das HQs como ferramenta educacional e cultural passa diretamente por eles. Conhecer a linguagem utilizada nas HQs, suas variadas formas é muito importante para que o bibliotecário possa exercer uma opinião crítica de forma embasada e sem preconceitos, podendo assim, maximizar a utilização das HQs do acervo da sua biblioteca.

Vimos, por meio de nosso trabalho, que nas duas escolas analisadas, os bibliotecários possuem e utilizam as HQs, mesmo que não em toda sua potencialidade. Acreditamos que a pesquisa não demonstra a realidade de todas as escolas públicas do país, mas demonstra que o uso e a visão do bibliotecário sobre essa linguagem estão em transformação, não sendo a mesma de décadas anteriores.

REFERÊNCIAS

AMARO, Braga Jr. A linguagem dos Quadrinhos Enquanto Recurso Didático Nas Aulas de Sociologia. In: MODENESI, Thiago; BRAGA JR., Amaro X. (Orgs.). **Quadrinhos e Educação**: procedimentos didáticos. Jaboatão dos Guararapes, 2015, v. 2, p. 7-28.

ARRUDA, M. C. C.; MARTELO, R. M.; SOUZA, D. B. Educação. trabalho e o delineamento de novos perfis profissionais: o bibliotecário em questão. **Ciência da Informação**, Brasília, v.29, n3, p 14-24. set./dez. 2000.

BAHIA, Márcio. **A legitimação cultural dos quadrinhos e o Programa Nacional Biblioteca da Escola**: uma história inacabada. Educação, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 340-351, set./dez. 2012.

BRUNO. **Charges bruno**. 2016. Disponível em: <http://chargesbruno.blogspot.com.br/>. Acesso em: 15 jul. de 2016.

CALDIN, Clarice. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. **Revista ACB**, v. 10, n. 2, 2005. Disponível em <<http://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/431/550>> Acesso em: 13 jun. 2016.

CAVALCANTE, Ligia; RASTELI, Alessandro. A competência em informação e o bibliotecário mediador da leitura em biblioteca pública. **Rev. Eletrônica de Biblioteconomia e Cie. da Inf.**, v. 18, n.36, p.157-180, jan./abr.2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n36p157/24518>>. Acesso em: 15 Jul. 2016.

CENTRAL dos quadrinhos. 2016. **The walking dead [hq]** português capítulo 92. 2016. Disponível em : < <http://centraldosquadrinhos.com/the-walking-dead/92>>. Acesso em: 15 jul. de 2016.

CIÊNCIA hoje. **A longa história dos quadrinhos**. 2010. Disponível em: <<http://chc.cienciahoje.uol.com.br/a-longa-historia-dos-quadrinhos/>>. Acesso em: 15 jul. de 2016.

DIAS, Eduardo. **Biblioteconomia e ciência da informação**: natureza e relações. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 5, n. especial, p. 67-80, jan./jun. 2000.

DICA zica. **Tipos de HQs e desenhos**. 2015. Disponível em: <http://dicazika.blogspot.com.br/p/tipo-de-hqs-e-desenhos.html>. Acesso em: 13 jul. de 2016.

ECOS do nada. **Uma breve história das histórias em quadrinhos**. 2015. Disponível em: <<http://ecosdonada.blogspot.com.br/2015/06/uma-breve-historia-das-historias-em.html>>. Acesso em: 15 jul. de 2016.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FNDE. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação**. 2012. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-apresentacao>>. Acesso em: 2 jul. de 2016.

FERREIRA, Isaac. **Fanzines expo blog**. 2016. Disponível em: <https://fanzineexpo.wordpress.com/fanzines/>. Acesso em: 14 de Jul. 2016.

GARCIA, Marcio; VICCINI, Carla. A Produção de Histórias em Quadrinhos Digitais em sala de aula como ferramenta de ensino de língua portuguesa. In: MODENESI, Thiago; BRAGA JR., Amaro X. (Org.). **Quadrinhos e Educação: procedimentos didáticos**. Jabotão dos Guararapes, 2015, v. 2, p. 51-59.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GROENSTEEN, Thierry. **História em quadrinhos: essa desconhecida arte popular**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.

LE COADIC, Yves. **A Ciência da Informação**. 2º ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2004.

LOURENÇO FILHO, M. B. **O ensino e a biblioteca**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946. 1ª Conferência da Série “A educação e a biblioteca”, pronunciada na Biblioteca do DASP, em 05/07/1944.

MOYA, Álvaro. **Shazam**. Coleção Debates. São Paulo: Perspectiva, 1977.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 27ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p.9-29.

NOGUEIRA, Natania. Os Quadrinhos na Sala de aula: compartilhamento de Experiências. In: MODENESI, Thiago; BRAGA JR., Amaro X. (Org.). **Quadrinhos e Educação: relatos de experiências e análises de publicações**. Jabotão dos Guararapes: Faculdade dos Guararapes, 2015, v. 1, p. 11-24.

OUTCAULT, Richard. **História da História em Quadrinhos**. 2016. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/literatura/historia-historia-quadrinhos.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

PANDORA escola de arte. **Dica do Professor 08 Planos de enquadramento**. 2014. Disponível em: <<http://blog.escolapandora.com.br/dica-do-professor-08-planos-de-enquadramento/>>. Acesso em: 15 jul. de 2016.

PIMENTA, Lucas; LIMA, Savio Queiroz. Um índio na Imensidão Faraônica: O Olhar educacional do Quadrinho Tiki Sobre a Rodovia Transamazônica. In: MODENESI, Thiago; BRAGA JR., Amaro X. (Org.). **Quadrinhos e Educação: relatos de experiências e análises de publicações**. Jabotão dos Guararapes: Faculdade dos Guararapes, 2015. v. 1, p 161-167.

PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Liliane; SANTANA, Marcelo. **Biblioteca Escolar**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

PIPOCA e Nanquim. **Sangria**. 2011. Disponível em: <<http://pipocaenanquim.com.br/sem-categoria/conheca-%E2%80%9Csem-vida%E2%80%9D-a-primeira-hq-de-alexandre-callari/attachment/sangria/>>. Acesso em: 11 jul. de 2016.

SAPOS voadores quadrinhos. **6 elementos básicos para criar uma história em quadrinhos**. 2012. Disponível em: <<http://www.saposvoadores.com.br/2012/06/6-elementos-basicos-para-criar-uma-historia-em-quadrinhos.html>> . Acesso em: 16 jul. 2016.

SANTOS, R. E.; VERGUEIRO, W. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria a prática. **Eccos Revista Científica**, v. 27, n. 27, p. 81-95, 2012

SANTOS, J. **O moderno profissional da informação**: o bibliotecário e seu perfil face aos novos tempos. *Informação & Informação*, Londrina, v. 1, n.1, p. 5-13, jan./jun.1996.

SIEGEL, Jerry; Joe Shuster, Joe. 1938. **Capa da icônica edição #1 do superman vai virar lego!**. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-114054/>>. Acesso em: 16 jul. 2016.

UM VESTIBULANDO. **A diferença entre charge, cartum, tirinha e caricatura**. 2013. Disponível em: <<https://umvestibulando.wordpress.com/2013/01/06/a-diferenca-entre-charge-cartum-tirinha-e-caricatura/>>. Acesso em: 14 jul. de 2016.

UNIVERSO hq. **Graphic novel da editora aleph conta história do quinto beatle**. 2014. Disponível em: <<http://www.universohq.com/noticias/graphic-novel-da-editora-aleph-conta-historia-quinto-beatle/>>. Acesso em: 14 jul. de 2016.

VÁLIO, Else. Biblioteca escolar: uma visão histórica. **Transinformação**, Campinas, v. 2, n. 1, p. 15-24, jan./ abr. 1990. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1670/1641>>. Acesso em: 15 Jul. 2016.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Org). **Quadrinhos na educação**: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. História em quadrinhos. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante (Org.). **Formas e expressões do conhecimento**: introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998. p. 115-149.

**APÊNDICE - QUESTIONÁRIO UTILIZADO COM BIBLIOTECÁRIOS
ESCOLARES**

1) A Biblioteca possui histórias em quadrinhos em seu acervo?

(☐) Sim (☐) Não

2) Como é realizada a aquisição das histórias em quadrinhos da biblioteca?

3) Você conhece o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)?

(☐) Sim (☐) Não (☐) Já ouvi falar (☐) Nunca ouvi falar

4) A Biblioteca possui histórias em quadrinhos do PNBE em seu acervo?

(☐) Sim (☐) Não (☐) Não sei

5) Você considera relevante as obras em quadrinhos cedidas pelo PNBE a sua biblioteca?

(☐) Sim (☐) Não (☐) Não sei

6) Você lê ou já leu histórias em quadrinhos?

(☐) Sim (☐) Não

7) Os professores da unidade em que a sua biblioteca está inserida, utilizam ou já utilizaram histórias em quadrinhos da biblioteca?

(☐) Sim (☐) Não

8) Os alunos buscam histórias em quadrinhos na biblioteca?

(☐) Sim (☐) Não

9) Você indica ou já indicou alguma história em quadrinhos da biblioteca para os usuários?

(☐) Sim (☐) Não

10) Em uma escala de 1 a 5, qual a relevância você daria às histórias em uma biblioteca escolar?

☐ 1

☐ 2

☐ 3

☐ 4

☐ 5

11) Você acha que o bibliotecário escolar deve conhecer a linguagem das histórias em quadrinhos, os diferentes gêneros quadrinísticos, o público a que são destinadas?

☐ sim

☐ não

Por quê?

12) Enquanto profissional bibliotecário, você se sente preparado para trabalhar com histórias em quadrinhos com a comunidade de sua biblioteca?

☐ sim

☐ não

Por quê?